

A “Terceira Conversão” de Richard Shaull

Meu último encontro com Richard Shaull ocorreu poucos dias antes de sua morte. Fui à sua casa, juntamente com Mark Taylor—seu amigo e meu orientador na tese de doutorado no Seminário de Princeton—para nos despedirmos. Gentilmente atendendo a um convite meu, Shaull havia se tornado parte da minha comissão orientadora e também um dos mais importantes e mais agudos “provocadores” do meu pensamento durante a elaboração do projeto de tese. No curto período em que trabalhou comigo, Shaull já estava enfermo, mas continuava com a mente muito ativa. Permanecia escrevendo, encontrando e recebendo amigos em sua casa, pensando com muita clareza e procurando discernir o que, de novo, o Espírito de Deus está fazendo no mundo. Continuava apaixonado pela maneira como Deus estava agindo entre os mais simples, os pobres e excluídos. Mesmo na condição física debilitada em que se encontrava, continuava cheio de vida.

Penso no Shaull de quem me despedi há quase um ano atrás como um vulcão em plena atividade, apesar dos 82 anos de vida. Essa impressão se tornou ainda mais forte depois de ler alguns dos seus escritos publicados nos últimos anos de sua vida. Cheguei à conclusão que qualquer lembrança dele como pensador e profeta cristão que não leve em conta essa atividade de sua mente, no último estágio de vida, não faria jus ao todo de sua existência. É importante lembrar que Shaull foi alguém em constante construção, que nunca se permitiu atingir um ápice. Nunca permitiu que seu pensamento fosse cristalizado numa forma final. Por isso, para compreendermos a sua caminhada, é importante percebermos que até o fim ele continuava aberto para o irromper do Espírito de Deus, que vem ao nosso encontro a partir do futuro; aberto, portanto, a experimentar novas “conversões”.

Neste artigo, gostaria de afirmar a relevância das últimas transformações experimentadas por Shaull, transformações que não alteraram o âmago da teologia que afirmou ao longo de sua vida. Suas últimas experiências e convicções, se bem entendidas, reafirmam as bases fundamentais da sua fé, de forma ainda mais radical e numa nova linguagem. Nos seus escritos mais recentes, Shaull passou a usar com mais frequência termos como “conversão”, “transformação espiritual” e “aprofundamento da fé” para descrever algumas de suas experiências. Num artigo escrito para o periódico *The Other Side*, em 1997, ele se refere ao encontro com o pentecostalismo brasileiro no Rio de Janeiro como uma “terceira conversão”. Ele usou essa terminologia para falar não apenas de sua própria trajetória, como também para se referir às atuais transformações na caminhada da igreja, apontando sempre para possíveis alternativas de futuro que possam inspirar as novas gerações. A fim de compreendermos o que Shaull chama de terceira conversão e o que esta pode nos oferecer em termos de contribuição, irei, de forma breve, resgatar as experiências que configuram as primeiras duas conversões às quais se refere. Sendo que Shaull não se preocupou em definir o termo “conversão” nos seus escritos, vamos usá-lo aqui simplesmente para indicar algumas transformações na sua trajetória espiritual que resultaram de encontros significativos com pessoas e realidades.

Primeira conversão

Embora Shaull não descreva no artigo referido o que teria sido a sua primeira conversão, creio ser possível inferir, com certo grau de confiança, que por primeira conversão podemos entender todo o processo que definiu sua fé como cristã e protestante. Reynaldo Leão Neto está correto ao afirmar que Shaull foi, durante sua vida inteira, um protestante. Sua vida e pensamento foram marcados do começo ao fim pela crença na soberania de Deus, que é o grande absoluto que julga e relativiza todas as demais instâncias, sejam ideologias, instituições, filosofias, estado, partidos políticos, igrejas, etc. Porque Deus é soberano, “absolutamente tudo está submetido à crítica e ao protesto”, inclusive a igreja protestante. Podemos, então, entender todas as experiências e encontros que formaram essa característica da sua fé e do seu pensamento como parte dessa primeira conversão, marcada, desde cedo, por uma vida religiosa intensa, na qual cada experiência vivida e cada encontro com novas realidades e pessoas se transformava num encontro com a Divindade.

Os seus relatos autobiográficos mostram uma experiência religiosa que se formou por meio de encontros com diferentes “outros”. O seu encontro pessoal com a Bíblia, produziria nele uma inquietação, ainda no início da adolescência, diante do chamado radical de Jesus ao discipulado, bem como diante dos seus ensinamentos sobre o apego aos bens materiais e sua ênfase sobre o amor, em contraste com uma existência centrada em si própria. O encontro com a privação material na infância e adolescência lhe abriu os olhos para a realidade da miséria ao redor do mundo e lhe desafiou a usar sua vida na tentativa de transformar a ordem que criava tal situação

No Seminário de Princeton, Shaull veio a experimentar uma nova transformação, marcada pelo seu encontro com três grandes pensadores protestantes. Primeiro, John Mackay, novo reitor do seminário e ex-missionário na América Latina. Com Mackay, Shaull aprendeu a relacionar sua trajetória intelectual à sua trajetória espiritual. “Tudo o que aprendia da Bíblia e da teologia estava autenticamente centrado numa fé pessoal e numa experiência de vida”, recorda Shaull. Também com Mackay, Shaull aprendeu que a natureza da fé cristã era de tal ordem que nos levava inescapavelmente à ação.

Já no seu encontro com o famoso teólogo Emil Brunner, Shaull pôde repensar sua herança reformada, sem precisar abrir mão da mesma, e encontrou um equilíbrio na sua teologia que o satisfazia como opção ao fundamentalismo, de um lado, e ao liberalismo, do outro. Brunner reforçou em Shaull a convicção de que “a suprema Realidade no coração do universo era a graça de Deus e sua compaixão presente e ativa na vida humana e na história”. (SPG)

Mas, ninguém influenciou de forma mais definitiva o pensamento de Shaull nesse período que o teólogo tcheco Josef Hromadka. O pensamento de Hromadka, entre outras coisas, lhe forneceria ferramentas para a compreensão da crise da civilização ocidental, bem como lhe ensinaria a relacionar a teologia com as novas forças filosóficas e sociais. O que lhe marcou mais profundamente no ensino de Hromadka foi sua compreensão do significado da escatologia como algo central no pensamento bíblico. Nas palavras do próprio Shaull, Hromadka o ensinou que “podemos entender melhor nossa luta pela vida no confronto com o que virá a ser. Podemos agir mais responsabilmente no mundo quando guiados pela visão daquilo que mais contribui para sua futura transformação”.(SPG)

Essa centralidade da escatologia no pensamento de Shaull foi fortalecida ainda mais pela linguagem teológica que ele adquiriu posteriormente, sobretudo após o seu encontro com Paul Lehmann, durante o interlúdio de dois anos entre seus ministérios na Colômbia e no Brasil. Conforme afirma o próprio Shaull, “Lehmann não apenas ensinou-me a pensar teologicamente, mas ajudou-me também a compreender que a teologia neo-ortodoxa que havia aprendido poderia transformar-se numa força poderosa para analisar as mudanças sociais e poder participar delas”. (SPG) Para ele, a Bíblia era portadora de uma visão messiânica de um mundo em transformação.

Com Lehmann e, a partir dele, com Bonhoeffer, Shaull passou também a compreender a Igreja como sendo aquela comunidade no mundo onde Cristo está sendo formado. Lehmann, particularmente, mostrou que essa comunidade, ou *koinonia*, é o locus principal do testemunho apostólico profético e a realidade criadora da presença de Cristo no mundo. Percebendo, porém, que não encontrava esse testemunho apostólico profético na *ecclesia*, Shaull passou a procurar outras formas de *koinonia* nos movimentos de estudantes, nos sindicatos, e em outros movimentos que ele chamou de “igreja na diáspora.”

Segunda conversão

A segunda conversão de Dick Shaull teve relação com esse seu despertar para a natureza da Igreja como uma Igreja vivendo na diáspora. Ela teve início no seu encontro com os pobres latino-americanos, bem como com a miséria e opressão, quando chegou à Colômbia e, posteriormente, ao Brasil. Em sua primeira noite na Colômbia, Shaull se viu obrigado a passar por cima de crianças dormindo nas calçadas para chegar ao hotel. No seu encontro dramático com a pobreza, seus ouvidos foram abertos para escutar de modo novo o clamor apaixonado das Escrituras pela justiça. Essa “conversão”, que chamou de conversão à solidariedade com os pobres, altera a maneira de Shaull fazer teologia, a qual passa a dar cada vez mais atenção ao contexto de pobreza e opressão no qual ele está inserido, sem o afastar completamente dos elementos mais marcantes que caracterizaram a primeira conversão.

Embora sua passagem pela Colômbia tenha sido bastante significativa, foi no seu encontro com os estudantes brasileiros na década de 50 que Shaull pôde desenvolver o papel não apenas de profeta, mas também de teólogo que influenciou uma geração inteira de pensadores brasileiros. Shaull foi o principal intelectual orgânico de um movimento evangélico, de caráter ecumênico e progressista, que causou rebuliço na Igreja e na sociedade brasileira até ser bruscamente interrompido pelas reações conservadoras na Igreja e pelo golpe militar de 64. Ele vislumbrou naqueles grupos de estudantes uma nova forma de comunidade cristã, numa nova fronteira, a fronteira das transformações sociais e em diálogo com intelectuais, cristãos ou não. Sempre com o olhar no futuro, Shaull entendia que ao desenvolver comunidades alternativas, o movimento estudantil cristão no Brasil assumia o risco e a possibilidade de ser a “igreja do amanhã”. (SPG) Um exemplo dessa postura pode ser vista no uso que Shaull faz do termo 'revolução', o qual se tornou central para o seu pensamento nesse período. Ele usava-o como uma categoria teológica, não ideológica, compreendendo-o à luz da centralidade da escatologia e da transcendência radical de Deus que marcavam sua teologia. Ao usar o termo 'revolução' dessa forma, Shaull encontrava uma linguagem que facilitava a conexão da fé cristã com a situação concreta experimentada pelos cristãos naquele contexto histórico.

Aquele período de ebulição social no Brasil foi marcante, e Shaull, como ninguém, ofereceu algumas ferramentas teológicas para interpretar a realidade vigente. Nesse ínterim, porém, seu pensamento e sua prática foram profundamente transformados. Ao voltar para Princeton, Shaull não era apenas um teólogo norte-americano com uma experiência missionária na América Latina, mas, sim, alguém que, transformado pela sua imersão na realidade latino-americana, levava uma teologia desenvolvida em meio às lutas revolucionárias naquele continente para desafiar seus estudantes norte-americanos. Mais tarde, frustrado com a apatia teológica no Seminário de Princeton, ele anteciparia sua aposentadoria e retornaria à América Latina, dessa vez à América Central, que fervilhava como um vulcão nos anos oitenta.

No processo de sua “segunda conversão” Shaull lançou algumas bases que mais tarde seriam desenvolvidas pela teologia da libertação. Ele ousou ao apontar possibilidades até então desconhecidas e ao antecipar temas que só entrariam nos círculos teológicos anos depois. E ao voltar à América Latina, nos anos 80, e se encontrar com as comunidades eclesiais de base, entendeu que uma nova reforma estava acontecendo na igreja, onde uma nova teologia estava dando à luz uma nova igreja. Mais tarde, ele descreveria esse encontro com a teologia e prática libertadora latino-americana como sendo uma “segunda conversão”. (SPG)

Num outro artigo, de 1991, Shaull se refere às CEB's como uma nova expressão da *ecclesia reformata semper reformanda*, e afirma que sua herança calvinista o “levou a crer que a igreja, a fim de ser fiel ao seu chamado, tem que sempre estar aberta à renovação e sempre disposta a responder, de novas maneiras, à orientação do Espírito Santo em novas situações históricas.” Para ele, a igreja está sendo sempre chamada a ler os sinais dos tempos. Nesse processo de sua segunda conversão, Shaull caminhou de uma solidariedade com os pobres, e da luta pela justiça, para uma convicção sobre o privilégio hermenêutico do pobre, que o colocava como ator teológico, a quem os teólogos “profissionais” deveriam ouvir. É com isso em mente que podemos entender melhor o que ele chama de “terceira conversão”.

Terceira conversão

Enquanto as duas primeiras conversões do Shaull são mais conhecidas e aceitas, muitos ignoram algo que foi muito significativo para o pensamento do Shaull nos últimos anos de sua vida: seu encontro com os pentecostais, que teve um forte impacto sobre sua vida. Mas, diferentemente, de outros analistas da explosão pentecostal na América Latina, ele não enxergou esse movimento como um substituto para a teologia da libertação e, sim, como um possível complemento para a mesma.

Em 1996, Shaull escreveu um artigo no qual afirmava que a teologia da libertação está viva e passa bem, mas que está experimentando um processo de renovação, o qual requer maior participação dos marginalizados e excluídos nas elaborações teológicas. Para ele, uma nova geração de teólogos/as da libertação não queria apenas conviver com os pobres e fazer teologia por eles, mas, sim, que a teologia partisse deles próprios. O convívio com as CEBs, na década de oitenta, havia convencido Shaull, de uma vez por todas, quanto ao ponto de vantagem hermenêutica do pobre. No seu encontro com aquelas pessoas simples e às vezes iletradas que se reuniam para estudar as Escrituras, ele percebeu que elas tinham tal capacidade de compreender a riqueza e profundidade da mensagem bíblica, que ele, com todo seu preparo acadêmico, não possuía.

Quando iniciou sua empreitada acadêmica nas igrejas pentecostais do Rio de Janeiro, ao invés da abordagem “objetiva” típica da observação participante dos cientistas sociais, ele se aproximou dessas igrejas e dessas pessoas pentecostais como alguém convencido de que o Espírito de Deus estava não apenas agindo entre eles, mas também através deles para se dirigir aos demais. Shaul, assim, levaria às últimas conseqüências o privilégio hermenêutico dos pobres. No contato com eles, ele entendia que estava pisando num terreno sagrado, numa nova fronteira.

Sua abordagem, no entanto, não é acrítica. Ele, naturalmente, percebe que está diante de uma expressão da fé e da vida cristã que é bastante diferente daquela definida pela Reforma Protestante do século XVI. Sabe também dos riscos de exploração da fé e da religiosidade popular por líderes sem escrúpulos. No entanto, crê que “se for desenvolvida em fidelidade ao testemunho bíblico, essa visão e experiência da fé cristã... poderia oferecer uma resposta convincente para a presente crise da civilização [ocidental], especialmente ao grande número de pobres e marginalizados que são vitimados por ela.” Assim, Shaul convida as igrejas históricas a entrarem num diálogo aberto com esse mundo pentecostal. Os termos desse diálogo são os mesmos dos seus diálogos anteriores, com o marxismo e com as ideologias políticas no período revolucionário. Deve haver abertura para se aprender com os pentecostais e para se discernir o que Deus está apresentando a nós através desse movimento religioso, mas, ao mesmo tempo, uma reflexão crítica que possibilite o protesto e a reorientação sempre que necessários. Ele permanecia radicalmente protestante.

Ao falar de uma terceira conversão, Shaul não está convidando todos os cristãos a se tornarem pentecostais, mas, sim, a uma abertura que lhes permita conectar com o mundo religioso das classes mais pobres, que está impregnado de expressões pentecostais. O convite à terceira conversão é, portanto, um convite a um encontro com o outro. Assim como em Lévinas, para Shaul a ética começa no encontro face-a-face com o outro, que no seu caso é o outro pobre e, nesse ponto de sua vida, o outro pentecostal.

Conclusão

Richard Shaul contrastava um ideal firme e um senso de missão inabalável com uma tremenda capacidade de se deixar transformar por seus encontros com a vida, com as realidades e com as pessoas com quem pôde conviver. Ao lermos seus escritos notamos, por um lado, um senso de missão que parece acompanhá-lo desde a adolescência. A paixão pela justiça e a convicção de que Deus está vivo e ativo na história humana sempre marcaram tanto sua ação como sua reflexão. No entanto, é exatamente essa compreensão da presença dinâmica de Deus no mundo, agindo sempre de maneira nova e surpreendente, que o impede de cristalizar seu pensamento. Shaul, do começo ao fim de sua vida foi alguém aberto para o futuro. Alguém sempre procurando entender de que jeito Deus está agindo agora, e o que Ele nos está chamando a fazer. É por isso que em alguns de seus últimos textos, vemo-lo falar em “conversão” como uma analogia para diversos encontros transformadores em sua jornada. Há uma conversão na adolescência, conversão em sala de aula no seminário de Princeton, conversão no seu encontro com a pobreza na Colômbia, conversão no seu encontro com a revolução, conversão quando encontrou as CEB’s e, finalmente, uma conversão no seu encontro com o pentecostalismo.

O último legado do Shaul para a Igreja brasileira não pode ser desprezado. Seu último chamado profético às igrejas cristãs foi para que estas não apenas se encontrem com o mundo e a realidade dos pobres, mas também que se tornem abertas para ouvir o testemunho destes. Somos desafiados a assumirmos o papel criativo da teologia, permitindo que ela transforme e recrie nossas lógicas. Credo que o Espírito Santo está fazendo algo novo entre os pentecostais, Shaul nos desafia a permitirmos que esse mesmo Espírito nos fale através deles.

Raimundo César Barreto Jr. (raimundob@yahoo.com)